

| 369 | UM MÉTODO SUBSIDIÁRIO EM PROJETOS DE RESTAURO DE EDIFÍCIOS HISTÓRICOS: ESTUDO DE TRAÇADOS REGULADORES EM CASOS PERNAMBUCANOS.

Pedro Henrique Cabral Valadares

Resumo

O presente artigo intende demonstrar de que maneira o conhecimento sobre tratados de arquitetura e seus traçados reguladores pode subsidiar projetos de restauro de edifícios, visto que, até as primeiras décadas do século XX, esses balizavam a construção de tais edificações sob os preceitos da tratadística que possui origem no Renascimento. No decorrer deste trabalho serão ilustrados e comentados alguns exercícios práticos realizados nos projetos de restauro da antiga Casa de Câmara e Cadeia (Brejo da Madre de Deus: 2008), a Capela de Nossa Senhora da Saúde, a Casa de Badia e o Hospital Ulysses Pernambucano (Recife: 2008, 2010 e 2012, respectivamente). A análise tipológica desses edifícios, à luz da tratadística, gerou contributos para decisões projetuais e/ou agregou valores histórico e artístico sob o olhar da erudição de suas origens.

Palavras-chave: arquitetura, restauro, tratadística, traçados reguladores.

1. Introdução

Grande parte da produção arquitetônica civil, religiosa e militar realizada do século XV até início do século XX utilizou os conceitos da antiguidade greco-romana sob a reinterpretação do tratado de Vitruvius no Renascimento (KRUFT, 1994).

Tinha-se o ideal de que a beleza reconhecida na arquitetura da antiguidade repousava nas qualidades formais, as quais se verificavam em categorias como ordem, proporção, equilíbrio, simetria, espírito matemático e harmonia, através da concordância e uniformidade entre as partes do edifício, ou o próprio edifício como um todo.

Os conhecimentos numéricos e geométricos, aliados a ideais filosóficos, compunham instrumentos imprescindíveis para manipulação dos componentes da expressão formal na determinação das dimensões da composição do projeto de arquitetura.

Para determinar a proporção e ordenamento plástico dos elementos arquitetônicos, utilizavam-se esquemas geométricos conhecidos como Traçados Reguladores, que definiam qual esquema de proporcionalidade deveria ser utilizado na elaboração do projeto da edificação. Sob o uso de inúmeras relações matemáticas e geométricas oriundas da tratadística, tomava-se partido de elementos como retângulo áureo, quadrado, círculo, pentágono, pentagrama, entre outros, cujas relações métricas entre si estão também presentes

nas dimensões do corpo humano, em consonância com o antropocentrismo clássico preconizado no Renascimento.

As relações geométricas podem ser observadas principalmente nas arquiteturas religiosas e oficiais, visto que tal nível de conhecimento científico na época era próprio das classes dominantes. Leonardo da Vinci, como muitos outros mestres da Renascença, tornou-se um grande estudioso das proporções harmônicas e ilustrou as relações de proporção entre as partes do corpo humano na versão da ideia vitruviana com seu famoso desenho do “Homem de Vitruvius”.

Nos séculos subsequentes ao Renascimento, os estilos arquitetônicos surgiam e se transformavam conforme as mudanças no pensamento da sociedade e de seus ideais, mas a maneira de projetar as edificações mantinha a tradição de obedecer ao rigor matemático elaborado pelos tratadistas, adaptando-se às circunstâncias culturais de cada período. Contudo, a prática de desenhar os projetos era ainda embrionária, com pouca precisão e poucos detalhes (BUENO, 2011). Em geral, eram concebidas as plantas e as fachadas, ficando os detalhes de estucaria, talha etc. a serem definidos na obra.

Assim como na Europa e suas colônias, a arquitetura produzida no Brasil desde sua descoberta até o início do século XX também foi significativamente influenciada pelas fórmulas prescritas nos tratados de arquitetura.

Apesar da escassez de informações nos projetos primitivos e do extravio ou perda desses documentos no passar dos anos, o conhecimento das regras básicas dos principais traçados reguladores permite o exercício de suas articulações como forma de subsídio em decisões projetuais no restauro e na intervenção de edifícios históricos, além do atestamento, ou não, da erudição de suas origens como forma de agregar valor ao imóvel.

Não é objetivo deste trabalho desvendar quais os tratados de arquitetura que possivelmente nortearam os autores dos projetos dos edifícios que serão aqui analisados, mas sim identificar elementos próprios dos tradicionais traçados reguladores como maneira de afirmar a erudição de seus projetos.

Esta tarefa consiste na especulação através da tentativa de encaixe de figuras geométricas, suas relações entre si e seus desdobramentos matemáticos. Uma vez constatadas algumas destas relações no objeto de estudo, pode-se crer que o traçado do projeto foi influenciado, ou regrado, por tratados de arquitetura.

Será exposta neste trabalho uma súmula de alguns exercícios acerca de traçados reguladores que subsidiaram decisões nos projetos de restauro e intervenção da Casa de Câmara e Cadeia do município do Brejo da Madre de Deus, da Capela de Nossa Senhora da Saúde, da Casa de Badia e do Hospital Ulysses Pernambucano, sendo estes três últimos no Recife.

Uma importante consideração é o fato de que ao tentar descobrir o traçado regulador de uma edificação, as linhas de construção das figuras podem não se encaixar ao desenho do edifício, considerando as inúmeras variáveis que poderiam ocasionar imperfeições ao objeto construído ou até mesmo pequenos ajustes realizados durante a obra por razões estruturais ou funcionais:

“Adverte-se que as janelas de púlpito (...) sofreram pequenos deslocamentos no ensejo da construção. Esta particularidade evidencia o cuidado havido na fábrica do edifício, a ponto das condições da arrematação justificarem aqueles deslocamentos nos seguintes termos... ‘por cuja razão vira a ter a enchovia das mulheres, e o salão da entrada mais três palmos do que se mostram nas plantas com atenção a este acrescimo se regularão as janellas desta sala, sem que fação desformidade’” (BARRETO, 1947, p.171).

2. Casos pernambucanos.

3.1. Casa de Câmara e Cadeia do Brejo da Madre de Deus

A Casa de Câmara e Cadeia do Brejo da Madre de Deus, inaugurada em 1847, foi objeto de projeto de restauro e intervenção contemplado pelo FUNCULTURA em 2008, com vistas para adequação de seu espaço para um centro cultural a ser mantido pela prefeitura do referido município.

No momento das decisões projetuais, o desnível de apenas dois centímetros entre a soleira e a área externa causou estranhamento, não apenas do ponto de vista funcional – o que causava invasão de águas pluviais – mas também porque além do fato de que as Casas de Câmara e Cadeia geralmente dispunham de escadarias de acesso (BARRETO, 1947). Sabe-se que a do Brejo contava com uma escadaria de “7 degraus de 7 polegadas de altura e 9 de largura” (FREYRE. *Apud* FUNDARPE, 1980, p.02). Acrescenta-se a esta informação o fato de a porta de acesso media “10 palmos de largura e 17 de altura” (FREYRE. *Apud* FUNDARPE, 1980, p.02). Considerando que um palmo equivale a 22 centímetros, vimos que a altura

existente da referida porta possuía 3,25 metros, sendo, portanto, 49 centímetros menor que os 3,74 metros que deveria medir.

Então, frente à inexistência de recursos financeiros que permitissem uma prospecção arqueológica para confirmar ou não a existência da escadaria, sob a possibilidade de resgatá-la, tivemos a iniciativa de tentar desvendar o traçado regulador do monumento como uma maneira alternativa, mas não conclusiva, à prospecção arqueológica. Considerando o piso externo no nível existente, o exercício de descoberta do traçado regulador não evidenciou relações geométricas nos rigores estabelecidos nos tratados de arquitetura. Então, ao seguirmos a informação de que o piso externo poderia estar 49 centímetros abaixo do existente (o qual correspondia a um aterro em uma ladeira, bem acima do nível da calçada), encontramos diversas conjunturas geométricas pertinentes.

A erudição dos desenhos das casas de câmara e cadeia é, em alguns casos, evidente, segundo Barreto (1947), que chegou a identificar traçados reguladores inspirados nos retângulos áureos nas fachadas das casas de câmara e cadeia de Mariana e Ouro Preto, Minas Gerais, ambas construídas no século XVIII. Segundo o mesmo autor, “predomina a forma do quadrado ou, então, a dos retângulos por ele gerados (...), muitas vezes retângulos dinâmicos, isto é, retângulos de ‘proporções irracionais’ ($\sqrt{2}$, $\sqrt{3}$, $\sqrt{5}$...)” (BARRETO, 1947, p.162-163).

Assim, após tentativas exaustivas, encontramos a proporção geral da fachada frontal definida por um retângulo na proporção de dois triângulos pitagóricos justapostos pela hipotenusa (imagem “b” da Figura 1). Sabendo que o triângulo retângulo pitagórico – comumente chamando de “triângulo 3, 4, 5” – pode ser modulado, criamos uma malha quadrada baseada na modulação 3 x 4 correspondendo aos catetos. Subdividimos esta malha e nela inserimos um quadrado (em amarelo na imagem “c” da Figura 1) cujos lados equivalem à altura do retângulo anterior, e o espaço restante pôde ser subdividido em três quadrados menores na vertical (em azul e laranja na imagem “d” da Figura 1).

Inserimos um triângulo pitagórico (em laranja na imagem “c” da Figura 1) cuja hipotenusa corresponde à base do retângulo inicial e, estendendo a linha que define o cateto menor à base superior do mencionado retângulo, obtemos o ponto em que o espigão da cobertura encontra a cumeeira e, por consequência, a largura da porta.

Além desses elementos obtidos pelas relações geométricas, obtivemos também a altura do corpo do edifício (até o topo da cimalha), as dimensões das janelas, bem como o centro do arco das vergas em arco abatido, altura do embasamento etc.

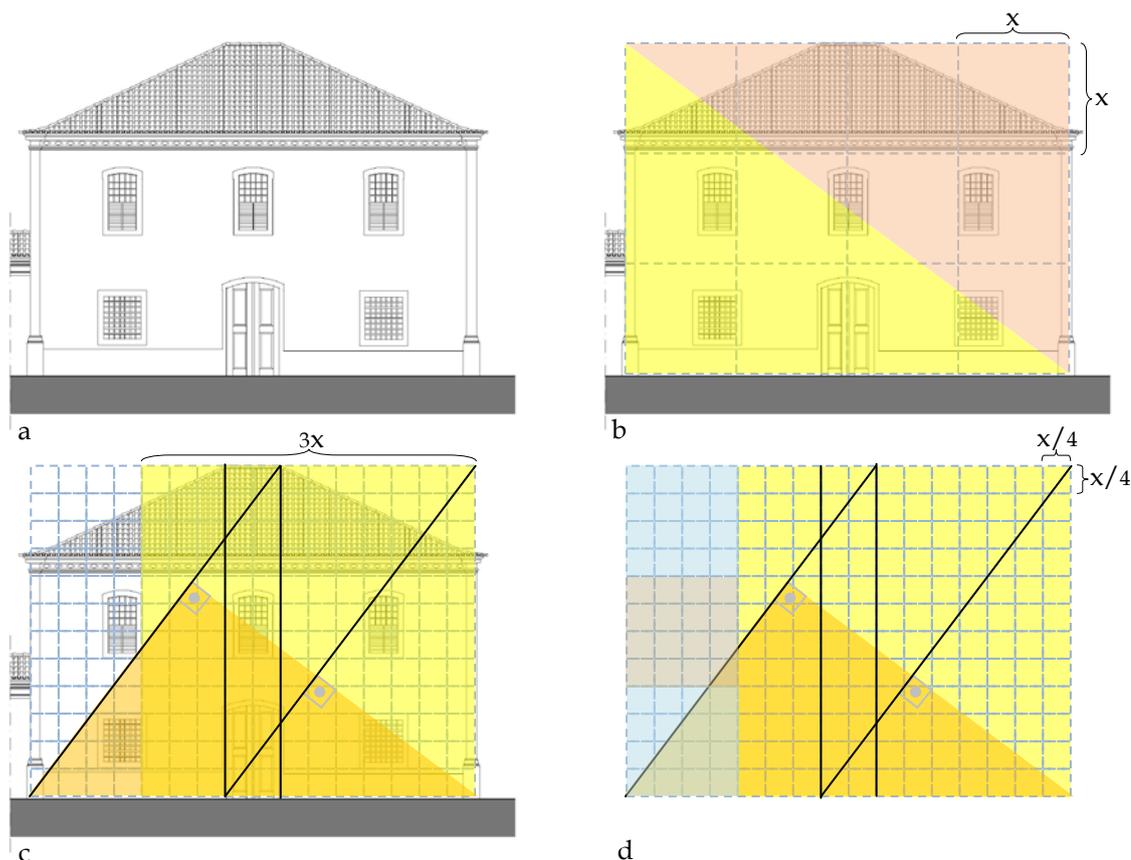


Figura 1 - Traçado regulador da fachada da Casa de Câmara e Cadeia do Brejo da Madre de Deus.

Salientamos que as relações geométricas encontradas corresponderam à informação de que o piso externo primitivo estaria 49 centímetros abaixo do existente, reforçando a hipotética existência de uma escadaria que teria sido suplantada ou aterrada.

Infelizmente, os recursos financeiros disponíveis não foram suficientes para a prospecção arqueológica, como já foi dito, nem para execução desse trecho da obra, ficando o piso externo no nível em que se encontrava durante a realização do projeto.

3.2. Capela de Nossa Senhora da Saúde

A Capela de Nossa Senhora da Saúde, inaugurada em 1920, situa-se na Praça Miguel de Cervantes, atualmente mantida pelo Instituto de Medicina Integral de Pernambuco (IMIP), instituição que promoveu o projeto de restauro da referida capela em 2008 para preservar o bem imóvel e requalificar seu espaço interno.

Assim como na Casa de Câmara e Cadeia do Brejo da Madre de Deus, o desnível entre a soleira e a área externa, de apenas 11 centímetros, nos causou estranhamento. Empiricamente, sabíamos que esta configuração não estava coerente com o ideário da

arquitetura religiosa tradicional, em que degraus, ou mesmo escadarias, davam acesso ao templo.

O orçamento para o projeto e para a obra não contemplava prospecção arqueológica e nem alterações no piso externo. Contudo, a pesquisa histórica nos revelou que o local era uma ilha, no momento da construção da capela, e que estava suscetível a alagamentos periódicos, o que reforçou a suspeita de que o desnível entre a soleira e a área externa poderia ter sido maior. Então, cogitou-se a possibilidade de rebaixar o piso externo, pelo menos no trecho à frente da capela, numa tentativa de conferi-la uma espécie de adro rebaixado. Mas, para não arbitrar a nova altura da soleira, ou quantidade de degraus, se fosse o caso, optamos pela tentativa do traçado regulador.

Considerando o nível do piso externo existente, as tentativas não tiveram sucesso. Após diversos exercícios, desconsiderando o referido nível, encontramos uma série de relações geométricas que certamente não se encaixaram por coincidência, frente à precisão do rigor matemático contido nos tratados de arquitetura.

A imagem “b” da Figura 2 ilustra, em azul, um retângulo áureo na vertical como definidor da proporção de toda a fachada. Sendo assim, o nível do piso externo deveria estar 89 centímetros abaixo do nível atual. Este desnível sugere a existência de 5 degraus com 7 polegadas de altura cada (17,78 centímetros), dimensão comumente encontrada em degraus existentes em outros monumentos históricos.

Dividindo pela metade a altura do retângulo áureo obtemos dois retângulos, também áureos, horizontais (verde e azul na imagem “c” da Figura 2). Desta operação obtemos a altura do corpo principal e da torre da capela. A largura do frontão, por consequência correspondendo à nave, é obtida pelo quadrado gerador do retângulo áureo obtido na operação anterior.

Na imagem “d” da Figura 2 o quadrado anterior define a simetria do corpo principal da capela e sua diagonal, além de ser a geradora do retângulo áureo, define a altura da base da cruz sobre o frontão.

Como não houve recurso financeiro para rebaixar o piso externo, nem para execução de prospecções arqueológicas, e também pela dificuldade onerosa para drenar as águas pluviais que seriam acumuladas no adro rebaixado, a área externa foi mantida da maneira como se encontrava no momento da realização do projeto.

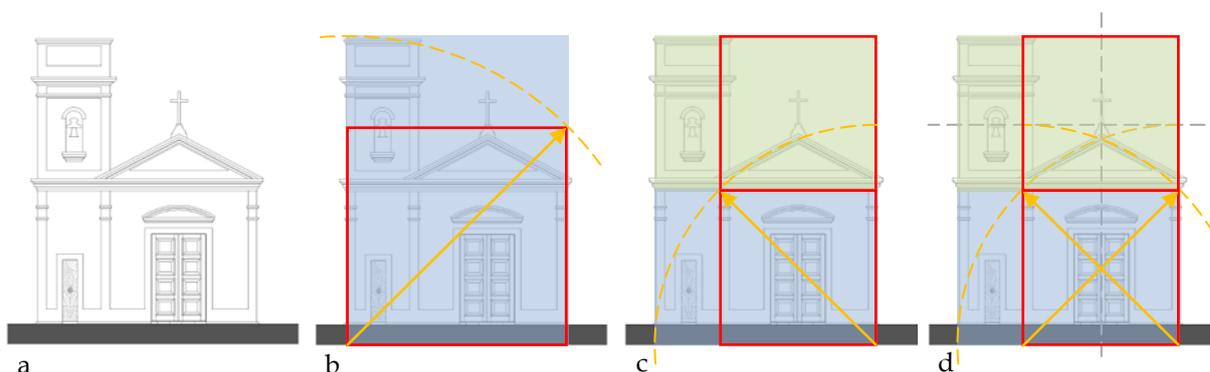


Figura 2 – Traçado regulador da fachada frontal da Capela de Nossa Senhora da Saúde.

3.3. Casa de Badia

Badia foi uma senhora descendente de africanos, conhecida no Recife pela prática de religião afro-brasileira e pelo envolvimento no carnaval da cidade. Sua casa – um imóvel térreo com frente voltada para a Rua Vidal de Negreiros e fundos para a Rua do Forte, no Bairro de São José, tem sua fachada frontal eclética, certamente resultado de reformulação estilística no início do século XX, pois a pesquisa histórica trouxe evidências de sua origem no século XVIII.

A casa foi objeto de um projeto de restauro e intervenção financiado pelo FUNCULTURA em 2010. Por ser tombada em nível estadual, devido à ilustre moradora já falecida, dispensava quaisquer argumentos adicionais para sua preservação. Então, como uma maneira de formular subsídios técnicos para o conhecimento e consequente elaboração de diretrizes para salvaguardar as características arquitetônicas do imóvel, e também como forma de ressaltar outros possíveis valores do imóvel, os autores do projeto solicitaram uma análise arquitetônica detalhada da edificação.

O desafio era tentar extrapolar a mera descrição tipológica do imóvel, o que nos fez recorrer à tentativa de descobrir relações geométricas na fachada, nos moldes dos tratados de arquitetura, embora soubéssemos que no início do século XX – período em que vigorou o ecletismo no Brasil – os arquitetos gozavam de certa liberdade criativa, por ideologia do estilo eclético, e ousavam mesclar não apenas elementos de diversos estilos anteriores, mas também conjugar diferentes relações geométricas no traçado das fachadas.

Em geral, os edifícios singulares como igrejas, palácios, casas de câmara e cadeia, teatros etc. tiveram suas concepções arquitetônicas pautadas nos traçados reguladores vigentes em cada época. Os edifícios comuns, como os sobrados, por exemplo, passaram a

ser concebidos, ou alterados, em conformidade com as “posturas municipais” implantadas, no caso do Recife, no início do século XIX, nas quais continham regras de proporções para esses edifícios. Porém, como não havia obrigatoriedade dos projetos serem elaborados por arquitetos ou engenheiros, muitas edificações foram planejadas e erguidas à parte do eruditismo de tais profissionais. "As casas levantavam-se ao sabor dos próprios donos, cada qual 'arvorado em engenheiro'; cada proprietário traça o 'risco' de seu prédio" (FREYRE, 2006, p.327). Nesse caso, frente à inexistência de informações quanto à autoria do projeto da Casa de Badia, o exercício do traçado regulador poderá, pelo menos, indicar se seu autor tinha, ou não, o conhecimento dos cânones da tratadística.

Primeiramente, verificamos a assimetria na fachada da Casa de Badia, muito comum no ecletismo. A porção direita de quem olha, onde está localizada a porta, possui tratamento compositivo secundário, onde a platibanda é mais baixa. A porção esquerda, onde estão as janelas, possui simetria própria e tratamento decorativo mais rebuscado, com platibanda mais alta, escalonada, com um ornato orgânico em seu centro e duas volutas no topo.

Ao encaixarmos um quadrado (em azul na imagem “b” da Figura 3) à largura da fachada, obtemos o friso – ou arquitrave – sob a cornija. Um retângulo áureo vertical (em laranja na imagem “b” da Figura 3), cujo lado maior equivale ao lado do quadrado anterior ou à largura da fachada, define a largura do módulo das janelas, o qual se apresenta com simetria.

Um retângulo áureo horizontal (em roxo na imagem “c” da Figura 3), cujo lado maior equivale ao lado menor do retângulo anterior, posto sobre o referido quadrilátero, define a altura da parte mais baixa da platibanda; e suas diagonais delineiam o ângulo pelo qual se desenha o ornato central no módulo das janelas. O espaço restante para contemplar a largura do primeiro quadrado equivale exatamente à altura do retângulo áureo menor. Ou seja, não por coincidência, obtemos um quadrado (em verde na imagem “c” da Figura 3).

Encaixando dois quadrados iguais, lado a lado, cujas áreas são a quarta parte da área do primeiro quadrado e a ele sobrepostos, obtemos a altura total da fachada.

Após a constatação da existência de relações geométricas na fachada, pudemos crer que seu autor, embora desconhecido, possuía certamente alguma habilidade no manejo da aritmética e da geometria, fundamentais para concepções arquitetônicas baseadas na tratadística.

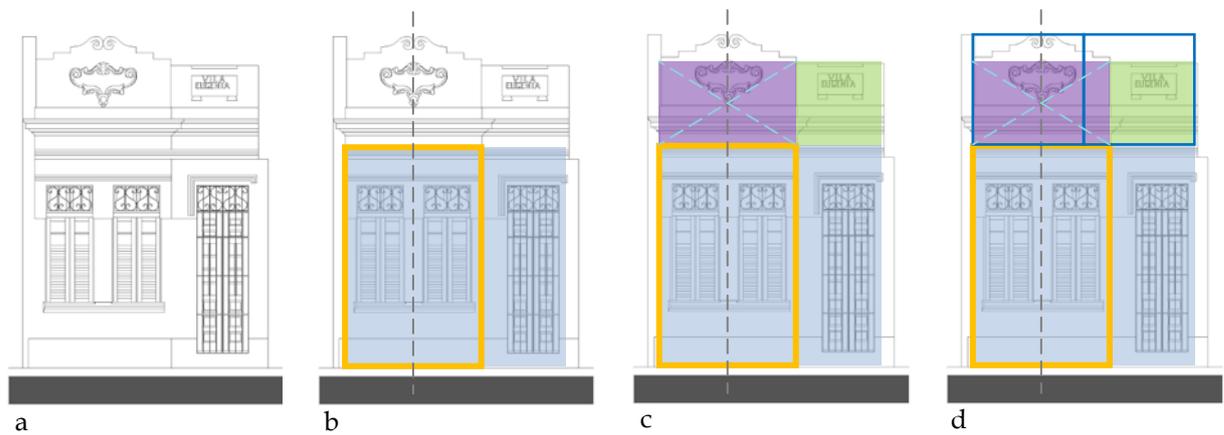


Figura 3 – Traçado regulador da fachada frontal da Casa de Badia.

Tal constatação nos fez crer que o objeto em estudo não se tratava apenas de uma residência térrea eclética como tantas outras na cidade construídas “ao sabor dos próprios donos” (FREYRE, 2006, p.327), mas sim de um exemplar arquitetônico, embora simplificado, que sem dúvida foi resultado de uma concepção formal.

3.4. Hospital Ulysses Pernambucano

O Hospital Ulysses Pernambucano, inaugurado como Hospício de Alienados do Recife em 1883, foi projetado por Victor Fournié, baseado no partido pavilhonar em voga na arquitetura hospitalar do século XIX, cujo primeiro exemplar foi o Hospital Lariboisière, em Paris.

O partido arquitetônico do projeto original dispunha de quatro pavilhões dormitórios – sendo dois masculinos e dois femininos –, cada um com um pátio central, interligados por uma circulação coberta. Compunham o eixo de simetria três pavilhões, sendo o frontal reservado para a administração, o central para a cozinha e o posterior para a capela. O programa funcional distribuía-se em dois pavimentos, sendo térreos os pavilhões da cozinha e da capela.

Para as fachadas dos pavilhões dormitórios, o autor concebeu janelas em arco pleno no pavimento térreo e em verga reta no superior, com modulação uniforme. O pavilhão administrativo recebeu o mesmo tratamento em suas janelas, mas com modulação variável. Marcando a simetria do pavilhão e conseqüentemente do conjunto, a porta de acesso foi coroada com entablamento e frontão. Este último elemento, em maiores dimensões, foi concebido na platibanda, também demarcando a simetria. Conferindo simplicidade e solidez à composição, todos os cunhais receberam capitéis dóricos.

O hospital foi inaugurado com apenas dois pavilhões dormitórios e sem o pavilhão da capela, tendo esta funcionado itinerantemente em cômodos adaptados, permanecendo de maneira definitiva em um ambiente do pavimento térreo da administração.

Ao longo de sua existência, o complexo hospitalar recebeu inúmeras intervenções e acréscimos que desvirtuaram suas características primitivas.

Em 2011, o hospital, comumente conhecido como Hospital da Tamarineira, foi objeto de concurso nacional para transformá-lo em centro cultural e seu terreno em parque público. Em 2012, a equipe vencedora, do Recife, buscou eliminar as intervenções descaracterizadoras, na tentativa de resgatar a volumetria concebida por Victor Fournié, seu autor.

A proposta de demolição de um acréscimo - de data desconhecida - da ala masculina causou polêmica perante a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), órgão estadual responsável pelo tombamento do hospital, e também perante a equipe contratada para realizar o projeto de restauro das fachadas e a consultoria técnica.

O acréscimo em questão buscou dialogar com o bloco primitivo pela fachada, através do uso de janelas de mesma proporção, desenho e material, com modulação semelhante à existente no conjunto. Porém, desvirtuou-se da volumetria por dispor de apenas um pavimento e área de ocupação bem menor que o pavilhão ao qual se conecta. Um apêndice.

Novamente, pelas mesmas razões dos trabalhos anteriores apresentados no presente texto, as prospecções arqueológicas não puderam ser realizadas. Mas, consideradas as discussões acerca das diversas formas de intervenções em sítios históricos, a opção por eliminar o referido anexo foi consensual, considerando-o como uma obra que não agregou valores ao monumento. Tal decisão ocorreu através de uma análise tipológica, através da qual o projeto original de Victor Fournié fora explanado e o espírito de sua concepção apreendido. Este espírito, correspondente à sua época, expressou-se não apenas no objeto físico, mas principalmente na idealização de seu projeto, sob os preceitos da tratadística, que teve algumas das relações de seu traçado regulador identificadas na análise tipológica, nas plantas e nas fachadas.

A fachada frontal de cada pavilhão, excetuando-se o anexo da ala masculina, tem a proporção de um retângulo dinâmico¹ $\sqrt{5}$ – raiz de cinco (em verde nas imagens “b” e “c” da Figura 4). O afastamento entre os pavilhões corresponde a dois quadrados justapostos verticalmente (em azul na imagem “b” da Figura 4), cujos lados equivalem à metade da altura da edificação.



Figura 4 – Traçado regulador da fachada frontal do Hospital Ulysses Pernambucano.

Ao fazer uma cópia espelhada da construção do retângulo dinâmico $\sqrt{5}$, obtemos a largura do frontão e a locação das pilastras sob ele (imagem “d” da Figura 4).

Considerando o antropocentrismo preconizado no Renascimento, testamos outras relações geométricas inserindo a imagem do “homem vitruviano” na fachada, encaixando seu círculo à altura total da edificação. Algumas “coincidências” foram

¹ Os retângulos podem ser classificados pela razão entre seus lados. Os dinâmicos são obtidos pelo rebatimento da diagonal de um quadrado para um de seus lados, o que resulta em um retângulo dinâmico $\sqrt{2}$. Realizando o mesmo procedimento a partir deste retângulo, obtém-se um retângulo dinâmico $\sqrt{3}$, e assim sucessivamente.

percebidas: os pés das pernas abertas correspondem ao embasamento do edifício; o umbigo, centro de gravidade do corpo humano, corresponde ao topo do frontão da portada; os braços abertos na horizontal correspondem às vergas das janelas do pavimento superior; e o topo da cabeça corresponde ao entablamento (imagem “e” da Figura 4).

Circunscrevendo um pentágono regular ao círculo do “homem vitruviano”, obtemos um pentagrama². Através das interseções entre as linhas deste pentagrama com as bissetrizes do pentágono e com o círculo, obtemos a altura do embasamento, o topo da platibanda, o friso que separa os dois pavimentos, a altura das janelas etc. Traçando um semicírculo de raio equivalente à altura do pentágono, obtemos a largura total do edifício (imagem “f” da Figura 4).

Também foram encontradas relações geométricas em planta, tanto nos pavilhões como nos pátios internos. No anexo do bloco feminino não foram encontradas relações geométricas condizentes com os preceitos da tratadística, o que contribuiu com os argumentos favoráveis à sua demolição.

3. Considerações finais.

Convém salientar que os exercícios de traçados reguladores ora apresentados não devem ser considerados como única ferramenta subsidiária em projetos de restauro e intervenção, tampouco como procedimento que substitua as prospecções arqueológicas.

Para melhor embasar as interpretações das relações geométricas nos traçados reguladores, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, inclusive com a identificação da evolução da tratadística na arquitetura. Tal estudo se justifica pelo fato de que se novos tratados eram elaborados com o passar do tempo, seguramente novas concepções projetuais eram desenvolvidas juntamente com as transformações sociais, econômicas e culturais.

É preciso salientar que os traçados reguladores definiam não apenas a forma dos edifícios, mas também a localização e a proporção das aberturas, a modulação da estrutura e dos elementos das fachadas, a proporção dos ambientes etc.

Por fim, a relevância do estudo da tratadística e de sua utilização como um método contributivo em projetos de restauro e intervenção de imóveis antigos repousa na

² Pitágoras observou que o pentagrama possui diversas relações que resultam no número de ouro (número áureo, proporção divina etc.).

ideia proposta de que o conhecimento da origem erudita do projeto primitivo de uma edificação é, antes de um subsídio, um elemento que se soma à significância do objeto estudado.

4. Referências bibliográficas.

- ABREU e LIMA, F. d. (2007). *Arquitetura e Cidade na Tradística do Renascimento Italiano*. Recife, Pernambuco.
- ALBERTI, L. B. (2011). *Da Arte Edificatória*. (A. M. SANTO, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- BARRETO, P. T. (1947). Casas de Câmara e Cadeia. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*(11).
- BUENO, B. P. (2004). In: M. C. TEIXEIRA, *A construção da cidade brasileira* (pp. 151-185). Lisboa: Livros Horizonte.
- BUENO, B. P. (2011). *Desenho e Designio: O Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. São Paulo: EDUSP.
- FREYRE, G. (2006). *Sobrados e mucambos* (16ª ed.). São Paulo: Global.
- FUNDARPE. (1980). Exame Técnico do Dossiê de Tombamento da Casa de Câmara e Cadeia do Brejo da Madre de Deus. Recife.
- FUNDARPE. (s.d.). *Dossiê de Tombamento Estadual do Hospital Ulysses Pernambucano de Mello*.
- HEYDENREICH, L. H. (1996). *Architecture in Italy, 1400-1500*. New Haven: Yale University Press.
- KRUFIT, H.-W. (1994). *Architectural Theory - From Vitruvius to the present*. (R. TAYLOR, E. CALLANDER, & A. WOOD, Trads.) New York: Princeton Architectural Press.
- MARINELLI, A. (2006). *Evolução da assistência a saúde*. São Carlos.
- PEDRO, A. G. (2011). *A ideia de ordem: symmetria e decor nos tratados de Filarete, Francesco di Giorgio e Cesare Cesariano*. São Paulo: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- PENNICK, N. (1980). *Geometria sagrada: simbolismo e intenção nas estruturas religiosas*. (A. FELTRE, Trad.) São Paulo: Pensamento.

- SCHOLFIELD, P. H. (1958). *The theory of proportion in architecture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVA, G. G. (1987). Arquitetura eclética em Pernambuco. In: A. FABRIS, *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp.
- SILVA, G. G. (2002). Linguagem clássica. In: R. MONTEZUMA, *Arquitetura Brasil 500 anos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- SOBRAL FILHA, D. D. (2009). Lazer, Saúde e Ordem: Principais programas desenvolvidos na arquitetura do século XIX no Rio de Janeiro e no Recife. Rio de Janeiro.
- TOLEDO, L. (2002). Do hospital terapêutico ao hospital tecnológico: Encontros e Desencontros na Arquitetura Hospitalar. *Anais do III Fórum de Tecnologia Aplicada à Saúde - Arquitetura Hospitalar e Engenharia Clínica*. Salvador.
- TOLEDO, L. C. (2005). Humanização do edifício hospitalar: um tema em aberto. *Seminário Nacional de Projeto Como Campo de Pesquisa - PROJETAR*. Rio de Janeiro.